

Estudo etnobotânico sobre plantas medicinais usadas pela comunidade quilombola Rio do Sul, município de Nova Viçosa, Bahia, Brasil

Ethnobotanical study of medicinal plants used by the Rio do Sul quilombola community,
municipality of Nova Viçosa, Bahia, Brazil

Estudio etnobotánico sobre plantas medicinales utilizadas por la comunidad quilombola de Rio do
Sul, municipio de Nova Viçosa, Bahia, Brasil

Recebido: 17/12/2025 | Revisado: 23/12/2025 | Aceitado: 23/12/2025 | Publicado: 24/12/2025

Janete Luiz de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0962-7536>
Universidade do Estado da Bahia, Brasil
E-mail: janeteluz7@gmail.com

Jorge Luiz Fortuna

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7996-837X>
Universidade do Estado da Bahia, Brasil
E-mail: jfortuna@uneb.br

Resumo

Este estudo objetivou investigar as plantas medicinais utilizadas pela comunidade quilombola Rio do Sul, localizada no município de Nova Viçosa, Bahia. Utilizou-se a técnica de amostragem "bola de neve" para a seleção dos participantes, além de entrevistas semiestruturadas, coleta de amostras e registro fotográfico das plantas. Foram realizadas 15 entrevistas, identificando-se 97 plantas medicinais. A maioria dos entrevistados era mulheres (86,7%), variando de 47 a 93 anos. Para avaliar a importância das espécies, utilizou-se o índice de concordância de uso principal (CUP), além do fator de correção (FC), aplicando-se o índice de concordância de uso corrigido (CUPc) para maior precisão nos resultados. Os dados mostraram que as folhas foram a parte da planta mais frequentemente utilizadas, representando 68% das citações. O método de preparo mais comum foi o chá, citado por 77,3% dos participantes, seguido pelo uso em banhos, indicado por 35,1%. Uma análise revelou que 99% das plantas identificadas eram usadas para fins medicinais, enquanto 7,2% eram usadas em práticas espirituais e 4,1% eram empregadas na alimentação. As espécies com os maiores índices de concordância de uso corrigido foram: alfavaca (*Ocimum gratissimum*), com CUPc de 75,0%; algodoeiro (*Gossypium hirsutum*), com 80%; hortelã-miúdo (*Mentha x villosa*) e erva-cidreira (*Lipia alba*), ambas com 77,8%; capim-limão (*Cymbopogon citratus*), com 85,7%; aroeira (*Schinus terebinthifolius*) e coentro-maranhão (*Eryngium foetidum*), ambas com 75%; além do cajueiro (*Anacardium occidentale*) e tansagem (*Plantago major*), com 83,3%. Esses achados destacam a importância de preservação dos conhecimentos tradicionais transmitidos ao longo das gerações na comunidade quilombola.

Palavras-chave: Etnobotânica; Ervas; Povos Tradicionais; Quilombo.

Abstract

This study aimed to investigate the medicinal plants used by the Rio do Sul quilombola community, located in the municipality of Nova Viçosa, Bahia. The “snowball” sampling technique was used to select participants, along with semi-structured interviews, sample collection, and photographic documentation of the plants. Fifteen interviews were conducted, identifying 97 medicinal plants. Most participants were women (86.7%), ranging from 47 to 93 years old. To assess the importance of the species, the main use agreement index (CUP) was applied, along with the correction factor (FC), using the corrected use agreement index (CUPc) for greater accuracy in the results. The data showed that leaves were the most frequently used plant part, representing 68% of citations. The most common preparation method was tea, cited by 77.3% of participants, followed by use in baths, mentioned by 35.1%. An analysis revealed that 99% of the identified plants were used for medicinal purposes, while 7.2% were used in spiritual practices and 4.1% were employed in food. The species with the highest corrected use agreement indices were: alfavaca (*Ocimum gratissimum*), with a CUPc of 75.0%; algodoeiro (*Gossypium hirsutum*), with 80%; hortelã-miúdo (*Mentha x villosa*) and erva-cidreira (*Lipia alba*), both with 77.8%; capim-limão (*Cymbopogon citratus*), with 85.7%; aroeira (*Schinus terebinthifolius*) and coentro-maranhão (*Eryngium foetidum*), both with 75%; as well as cajueiro (*Anacardium occidentale*) and tansagem (*Plantago major*), both with 83.3%. These findings highlight the importance of preserving traditional knowledge passed down through generations in the quilombola community.

Keywords: Ethnobotany; Herbs; Traditional Peoples; Quilombo.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo investigar las plantas medicinales utilizadas por la comunidad quilombola de Rio do Sul, ubicada en el municipio de Nova Viçosa, Bahía. Para la selección de los participantes se utilizó la técnica de muestreo “bola de nieve”, además de entrevistas semiestructuradas, toma de muestras y documentación fotográfica de las plantas. Se realizaron quince entrevistas, en las que se identificaron 97 plantas medicinales. La mayoría de los encuestados fueron mujeres (86,7%), con edades comprendidas entre los 47 y los 93 años. Para evaluar la importancia de las especies, se empleó el índice de concordancia de uso principal (CUP), además del factor de corrección (CF), aplicando el índice de concordancia de uso corregido (CUPc) para una mayor precisión en los resultados. Los datos mostraron que las hojas eran la parte más utilizada de la planta, representando el 68% de las citas. El método de preparación más común fue el té, mencionado por el 77,3% de los participantes, seguido del uso en baños, indicado por el 35,1%. Un análisis reveló que el 99% de las plantas identificadas se utilizaban con fines medicinales, mientras que el 7,2% se utilizaba en prácticas espirituales y el 4,1% en la alimentación. Las especies con mayor concordancia de uso corregida fueron: albahaca (*Ocimum gratissimum*), con un CUPc de 75,0%; algodón (*Gossypium hirsutum*), con 80%; hierbabuena (*Mentha x villosa*) y melisa (*Lipia alba*), ambas con 77,8%; limoncillo (*Cymbopogon citratus*), con 85,7%; pimentero brasileño (*Schinus terebinthifolius*) y cilantro (*Eryngium foetidum*), ambos con un 75%; Además del marañón (*Anacardium occidentale*) y el plátano (*Plantago major*), que representan el 83,3%. Estos hallazgos resaltan la importancia de preservar el conocimiento tradicional transmitido de generación en generación en la comunidad quilombola.

Palabras clave: Etnobotánica; Hierbas; Pueblos Tradicionales; Quilombo.

1. Introdução

Conforme o Decreto Federal nº 4.887, de 20 de novembro de 2003 (Brasil, 2003), quilombolas são grupos étnico-raciais segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (Bahia, 2013).

No estado da Bahia existem aproximadamente 870 comunidades remanescente de quilombos e a maioria possui certificação da Fundação Palmares, sendo que algumas ainda aguardam o processo em andamento. Todos esses povos lutam em busca da permanência e preservação de suas culturas e tradições oriundas de seus ancestrais. A comunidade Quilombola Rio do Sul está localizada em uma zona rural, no distrito de Helvécia, município de Nova Viçosa-BA, na região do Extremo Sul da Bahia. É uma comunidade reconhecida pela Fundação Palmares, desde 2005 e, segundo dados da associação, possui aproximadamente 80 famílias, tendo como principal fonte de renda a agricultura familiar.

Essa população é conhecida por várias culturas e tradições herdadas dos seus antepassados, como o samba de viola, a reza de ofício e o terreiro de candomblé. Além disso, esta comunidade se destaca como portadora de grandes conhecimentos sobre plantas medicinais, fazendo-se necessário registrar essas informações, sendo de grande importância que esses conhecimentos sejam preservados.

A etnobotânica estuda a interação entre o humano e as plantas, podendo ser definida como estudo da relação que existe entre humanos e plantas e como essas plantas são utilizadas, permitindo entender as maneiras como as pessoas classificam, manipulam e utilizam certas espécies de plantas, relacionando o conhecimento da flora de uma região, os sujeitos e os seus saberes, reunindo informações dos povos primitivos que mantiveram relações com estes vegetais e com elementos culturais de um povo (Neto *et al.*, 2014; Siqueira & Pereira, 2014; Rocha *et al.*, 2015; Alencar *et al.*, 2019; Rodrigues *et al.*, 2021).

Resgatar a etnobotânica e o saber empírico permite conhecer e compreender a interação do humano com a natureza vegetal, além de levantar informações sobre os usos tradicionais e suas potencialidades, registrar a composição florística local, o manejo e as etnocategorias dos usos destas plantas (Ferreira *et al.*, 2020).

De acordo com Castro *et al.* (2021), a etnobotânica concilia o conhecimento tradicional e o científico, permitindo compreender como são utilizados os recursos vegetais pelas populações e registrar as espécies usadas pelas comunidades, sendo o resultado de uma coevolução entre as comunidades e seus ambientes naturais, cujas informações são passadas a cada

geração. Da mesma forma, Albuquerque e Hanazaki (2006), afirmam que os estudos etnobotânicos se ocupam da inter-relação direta entre pessoas e plantas incluindo todas as formas de percepção e apropriação dos recursos vegetais.

Cerca de 75% da população mundial faz uso de plantas medicinais para o tratamento de enfermidades devido, principalmente, às características desejáveis associadas à eficácia, baixo risco, reproduzibilidade e constância de qualidade (Carvalho *et al.*, 2010). Já no Brasil, aproximadamente 82% da população faz uso de produtos à base de plantas medicinais durante seus cuidados com a saúde (Rodrigues & Simoni, 2010).

Muitas populações, como comunidades rurais, quilombolas e indígenas tem pouco acesso aos serviços de saúde, recorrendo ao uso de plantas como principal alternativa para o tratamento de doenças. Além disso, estas populações conhecem os efeitos medicinais das plantas que elas utilizam e também o seu preparo, dosagem e a concepção de saúde-patologia (Martins *et al.*, 2022). Em comunidades rurais é muito comum encontrar diversas receitas de tratamento e cura para diversas doenças que utilizam plantas que são cultivadas ao redor da casa ou no próprio quintal destas comunidades (Santos *et al.*, 2018).

O conhecimento da sabedoria popular sobre plantas medicinais é muito importante em famílias rurais, como as de comunidades quilombolas tradicionais. Geralmente, estas famílias utilizam estas plantas como medicamentos naturais, pois além de terem fácil acesso a estas, às vezes, é o único modo de terem cuidado com a saúde, dando preferência aos que são produzidos na própria localidade que vivem. Sendo assim, devido ao aumento da urbanização e de influências externas às comunidades rurais sobre seus costumes, torna-se importante a realização de estudos e/ou pesquisas etnobotânicas sobre as plantas medicinais que são utilizadas por estas comunidades, tais como conhecer a eficácia, diferentes técnicas e formas de uso, antes que estes conhecimentos sejam perdidos (Tatagiba *et al.*, 2019; Farias *et al.*, 2021).

A valorização desses conhecimentos de plantas medicinais mantém-se através de informações herdada de gerações passadas, sendo assim, torna-se necessário sua conservação para que a identidade cultural dessas comunidades seja preservada. A forma como as pessoas das comunidades tradicionais utiliza os recursos naturais, disponíveis em seus territórios, é uma especificidade adquirida ao longo de sua trajetória histórica e social, tornando-se parte de sua identidade e herança cultural (Ferreira *et al.*, 2020).

Residentes na comunidade Quilombola Rio do Sul provavelmente possuem conhecimentos acerca das plantas medicinais que são utilizadas por eles. Desta forma faz-se importante registrar esses conhecimentos populares e tradicionais destas espécies e destes usos, para que as futuras gerações também possam conhecer esses elementos, contribuindo desta forma com o processo de manutenção cultural na comunidade.

Outra importante contribuição desta pesquisa de levantamento etnobotânico na referida comunidade é o de poder contribuir com futuros projetos visando o cultivo de plantas medicinais seja na construção de hortos para atender a necessidade da população, ou a demanda de mercado.

Sendo assim, este trabalho teve como objetivo geral realizar um estudo etnobotânico sobre plantas medicinais utilizadas pela comunidade Quilombola Rio do Sul, no município de Nova Viçosa-BA. E como objetivos específicos: (1) compreender a importância das espécies medicinais acerca do uso tradicional etnobotânico na comunidade Quilombola Rio do Sul; e (2) identificar as espécies de plantas utilizadas no tratamento de diferentes doenças e no uso da saúde de forma geral na comunidade Quilombola Rio do Sul, por meio de entrevistas.

2. Metodologia

Realizou-se uma pesquisa social, com uso de entrevistas e questionários (Pereira *et al.*, 2018).

Área de estudo e delineamento experimental

A comunidade Quilombola Rio do Sul é reconhecida pela Fundação Palmares, desde 2005 e possui cerca de 80 famílias, tendo como principal fonte de renda a agricultura familiar. Localiza-se em uma zona rural, no distrito de Helvécia, município de Nova Viçosa-BA, na região do Extremo Sul da Bahia.

Esta pesquisa ocorreu através de tratamentos qualitativo e quantitativo. De acordo com Minayo (2007), análise qualitativa considera níveis mais profundos das relações sociais, através dos aspectos subjetivos, para compreender a lógica interna de grupos, instituições e atores quanto aos valores culturais e representações. O tratamento quantitativo utiliza estatística descritiva com uso de gráficos de setores, gráficos de barras e, valores de frequência absoluta e relativa (Shitsuka *et al.*, 2014) para a análise dos dados coletados e o tratamento qualitativo utilizará questionário e entrevista semiestruturada.

Etapas da pesquisa

A pesquisa foi realizada em três etapas: (1^a etapa) visita aos líderes comunitários para a indicação de possíveis participantes; (2^a etapa) leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos participantes, explicação dos objetivos da pesquisa e confirmação do consentimento em participar da pesquisa; e em seguida aplicação dos questionários; e (3^a etapa) entrevista semiestruturada e coleta das amostras. Também foi adotada a técnica da lista livre, a qual consiste em citar componentes de um determinado domínio cultural na ordem que o participante lembrar, representando assim o conhecimento local e sua variação na comunidade (Quinlan, 2005; Santos *et al.*, 2019; Silva *et al.*, 2021).

Após a seleção dos informantes, foi explicado, para cada participante, os objetivos da pesquisa. Após a aceitação para participar foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando sua participação voluntária conforme preconiza a Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012), sendo garantido ao/à entrevistado/a o anonimato e a desistência de sua colaboração com a pesquisa em qualquer momento.

A pesquisa foi cadastrada no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e Conhecimento Tradicional Associado (SisGen), que foi criado pelo Decreto nº 8.772, de 11 de maio de 2016 (Brasil, 2016), que regulamenta a Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015 (Brasil, 2015).

Entrevistas e coleta de dados

Os dados referentes sobre as plantas medicinais e seus usos foram realizados através de entrevistas no formato estruturado e semiestruturado.

A seleção dos informantes foi conduzida utilizando a metodologia da "bola de neve" (*snowball sampling*) (Albuquerque *et al.*, 2010; Santos *et al.*, 2019; Silva *et al.*, 2021; Albuquerque *et al.*, 2022). Nesse processo, os líderes comunitários indicaram os primeiros entrevistados, os quais recomendaram os próximos informantes, iniciando assim uma cadeia de referências que se repetiu até não haver mais indicações.

As perguntas contidas no questionário utilizado na entrevista semiestruturada abordou o conhecimento dos entrevistados sobre informações das plantas que utilizam, tais como: nome popular; local de obtenção (quintal, mata, comércio, vizinhos, *etc.*); parte utilizada da planta; finalidade e/ou objetivo do uso; modo de preparo; forma de uso; uso individual ou com outra(s) plantas(s); contraindicação; uso somente em tratamento ou não; usa somente a planta ou também drogas alopáticas; como adquiriu e/ou obteve informações sobre as plantas. Além disso, buscou-se conhecer aspectos socioeconômicos dos entrevistados, tais como: sexo; idade; profissão; religião; principal fonte de renda e estrutura familiar.

Amostras das plantas citadas pelos entrevistados foram fotografadas em seu habitat, foram coletadas para identificação e produção de exsicatas para serem depositadas no Laboratório de Botânica do *Campus X*, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

A identificação dos espécimes utilizando literatura especializada e através de comparação das fotos e características das plantas com dados de imagens dos sites *Species Link* (2021) e Flora do Brasil (2024).

Valor de consenso de uso das espécies

Para estabelecer a importância relativa das espécies, utilizou-se o índice de concordância de uso principal (CUP) (Amorozo & Gély, 1988), que se dá através dos seguintes cálculos para cada espécie:

$$CUP = \frac{nº\ de\ informantes\ que\ citaram\ usos\ principais\ X\ 100}{nº\ de\ informantes\ que\ citaram\ o\ uso\ da\ espécie}$$

O resultado encontrado é multiplicado por um fator de correção (FC) correspondente ao número de informantes que mencionaram cada espécie, dividido pelo número de informantes que citaram a espécie mais apontada:

$$FC = \frac{nº\ de\ informantes\ que\ citaram\ a\ espécie}{nº\ de\ informantes\ que\ citaram\ a\ espécie\ mais\ citada}$$

Por fim, a CUP corrigida (CUPc) é dada pela fórmula: CUPc = CUP x FC.

As plantas com alta porcentagem de concordância relativa sugerem uma real efetividade no tratamento de doenças, portanto este índice facilita a seleção de espécies para possíveis testes farmacológicos que venham a comprovar a eficácia de princípios ativos (Pinto *et al.*, 2006).

3. Resultados e Discussão

Dados sociais sobre a comunidade

Foram realizadas, no total, 15 entrevistas semiestruturadas. Através destas entrevistas foram obtidas citações de 97 diferentes plantas consideradas medicinais. Dos entrevistados 13 (86,7%) eram mulheres e apenas dois (13,3%) eram homens, indicando uma disparidade na representação de gênero na amostra, com uma clara predominância de mulheres. A idade dos entrevistados variou de 47 a 93 anos.

De acordo com Viu *et al.* (2010), a predominância das mulheres pode ser justificada ao se considerar que ao longo da história, nas várias sociedades, tem sido designada às mulheres a responsabilidade com as tarefas domésticas e o cuidado das crianças. Além disso, vários outros estudos identificaram que as mulheres, principalmente as mães, são as detentoras e transmissoras do conhecimento sobre as plantas medicinais para as outras gerações (Ceolin *et al.*, 2011; Acosta, 2015; Merhy & Santos, 2017; Guimarães *et al.*, 2019; 2022; Soares *et al.*, 2023).

Na comunidade Quilombola Rio do Sul, até o presente momento não tem uma Unidade de Saúde, portanto, esta ausência representa um desafio significativo para o acesso aos cuidados médicos básicos. Nesse contexto, o conhecimento etnobotânico surge como uma ferramenta importante para a promoção da saúde e o tratamento de doenças. A atenção primária à saúde na comunidade depende amplamente da compreensão e utilização desses recursos naturais para o tratamento de enfermidades. Assim, segundo Schek (2011), em algumas culturas, as plantas medicinais tornam-se os primeiros recursos terapêuticos utilizados para tratar e prevenir enfermidades, assim como para promover a saúde.

Dos 15 entrevistados, 13 (86,7%) afirmaram ser católicos e dois (13,3%) identificaram-se como evangélicos. Não houve menção a adeptos de religiões de matrizes africanas neste estudo. No entanto, ao analisar os métodos de utilização de plantas medicinais mencionados pelos entrevistados, incluindo práticas como banhos de descarrego e o uso de plantas para

afastar o mau-olhado, observa-se a presença de elementos rituais que remetem às tradições das religiões de matrizes africanas.

Dados sobre as plantas citadas

As 97 diferentes espécies de plantas citadas pelos entrevistados foram: *Achillea millefolium* L.; *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC.; *Aegiphila integrifolia* (Jacq.) Moldenke; *Ageratum fastigiatum* (Gardner) R.M.King & H.Rob.; *Ageratum houstonianum* Mill.; *Allium cepa* L.; *Allium sativum* L.; *Aloysia gratissima* Gillies & Hook; *Anacardium occidentale* L.; *Andropogon minarum* (Nees) Kunth; *Annona muricata* L.; *Annona squamosa* L.; *Aristolochia cymbifera* Mart.; *Artemisia absinthium* L.; *Artocarpus altilis* Parkinson; *Averrhoa carambola* L.; *Bixa orellana* L.; *Brassica oleracea* L.; *Byrsonima verbascifolia* L.; *Caesalpinia pulcherrima* (L.) Sw.; *Cajanus cajan* (L.) Huth; *Carica papaya* L.; *Caryocar brasiliense* Cambess.; *Cassia spectabilis* DC.; *Cenchrus echinatus* L.; *Centaurea benedicta* (L.) L.; *Cinnamomum verum* J. S. Presl; *Citrus aurantifolia* (Christm.) Swingle; *Citrus aurantium* L.; *Citrus limon* (L.) Osbeck; *Commelina erecta* L.; *Costus spiralis* Jacq.; *Cuphea carthagenensis* (Jacq.) J.F.Macbr; *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf.; *Davilla rugosa* Poir.; *Echites pastorum* Mart. ex Stadelm.; *Eryngium foetidum* L.; *Euphorbia tirucalli* L.; *Genipa americana* L.; *Gossypium hirsutum* L.; *Hortia brasiliiana* Vand. ex DC.; *Imperata brasiliensis* Trin.; *Imperata cylindrica* Red Baron; *Jatropha gossypiifolia* L.; *Juncus effusus* L.; *Justicia pectoralis* Jacq.; *Kalanchoe brasiliensis* Cambess.; *Lantana camara* L.; *Lecythis pisonis* Cambess.; *Leonotis nepetifolia* L.; *Lippia alba* Mill.; *Malpighia emarginata* DC.; *Mangifera indica* L.; *Matricaria chamomilla* L.; *Matricaria matricarioides* DC.; *Mentha viridis* L.; *Mentha x villosa* Hudson; *Mirabilis jalapa* L.; *Momordica charantia* L.; *Musa sapientum* L.; *Nicotiana tabacum* L.; *Ocimum basilicum* L.; *Ocimum gratissimum* L.; *Pereskia aculeata* Mill.; *Persea americana* Mill.; *Petiveria tetrandra* Gom.; *Phyllanthus niruri* L.; *Pimpinella anisum* L.; *Plantago major* L.; *Platonia insignis* Mart.; *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.; *Plectranthus barbatus* Andrews; *Protium heptaphyllum* (Aubl.) Marchand; *Pterodon emarginatus* Vogel; *Punica granatum* L.; *Rhynchospora cephalotes* (L.) Vahl; *Rosa grandiflora* Salisb.; *Rosmarinus officinalis* L.; *Rubus fruticosus* L.; *Ruta graveolens* L.; *Sambucus nigra* L.; *Sansevieria trifasciata* Prain; *Schinus terebinthifolius* Raddi; *Sechium edule* SW.; *Senna alexandrina* Mill.; *Serjania erecta* Radlk.; *Siparuna guianensis* Aublet.; *Solidago chilensis* Meyen; *Baccharis trimera* (Less) DC.; *Stachytarpheta cayennensis* Rich.; *Stemodia foliosa* Benth.; *Tanacetum parthenium* L.; *Tithonia diversifolia* (Hemsl.) A. Gray.; *Tropaeolum majus* L.; *Uncaria tomentosa* (Willd.) DC.; *Zingiber officinale* Roscoe; *Zornia reticulata* Sm. (Tabela 1).

Tabela 1 - Lista de plantas citadas pelos entrevistados contendo seus respectivos nomes comuns e científicos, família, quantas vezes foram citadas, indicação terapêutica, parte da planta usada, modo de preparo, contraindicações, local onde foi encontrada, finalidade e origem da espécie.

Nome Comum (N=citações)	Nome científico	Indicação terapêutica	Parte usada	Preparo	Contraindicação	Local	Finalidade	Origem
Acanthaceae								
Anador N = 1	<i>Justicia pectoralis</i>	Dor de cabeça	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Adoxaceae								
Sabugueira N = 3	<i>Sambucus nigra</i>	Sarampo, catapora, febre	Folha	Banho, chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Amaryllidaceae								
Cebola N = 1	<i>Allium cepa</i>	Asma, cansaço	Caule (cebola)	Xarope	Não	Comércio	Medicinal	Cultivada
Alho N = 1	<i>Allium sativum</i>	Tosse, bronquite	Planta toda	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Anacardiaceae								
Aroeira N = 8	<i>Schinus terebinthifolius</i>	Inflamação da garganta, gastrite,	Casca, folha	Chá, banho, lavar o local	Sim. Se tomar em grande quantidade causa	Quintal e Mata	Medicinal	Nativa

cicatrização, inflamação Cicatrização, diarréia, infecção, garganta, gastrite								
Cajueiro N = 6	<i>Anacardium occidentale</i>	Casca, folha	Banho, maceração, chá	Não	Quintal e Mata	Medicinal	Nativa	
Manga N = 2	<i>Mangifera indica</i>	Gripe, febre	Folha	Chá, banho	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Annonaceae								
Graviola N = 3	<i>Annona muricata</i>	Cancer, próstata, diabete, colesterol, gripe, Diabete, controle da pressão alta	Folha	Banho, chá, xarope	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Pinha N = 1	<i>Annona squamosa</i>		Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Apiaceae								
Coentro maranhão N = 8	<i>Eryngium foetidum</i>	Sapinho na boca, intestino, esporão, gripe, infecção, dor de barriga, dor no corpo, nascer dente	Folha	Sumo, chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Purga-do-campo N = 4	<i>Echites pastorum</i>	Limpar o corpo, dor no corpo, fraqueza	Raiz	Garrafada	Não	Quintal	Medicinal e Espiritual	Nativa
Aristolochiaceae								
Milome N = 1	<i>Aristolochia cymbifera</i>	Doenças sexualmente transmissíveis	Raiz	Banho, garrafada	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Asparagaceae								
Espada-de-são-jorge N = 4	<i>Sansevieria trifasciata</i>	Mau olhado, corpo ruim	Folha	Banho	Não	Quintal	Medicinal e Espiritual	Cultivada
Asteraceae								
Atimijo N = 4	<i>Tanacetum parthenium</i>	Dor de barriga, Tosse, resfriado, dores no corpo,	Folha	Chá, banho	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Arnica N = 1	<i>Solidago chilensis</i>	Ferimento	Folha	Cataplasma	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Carqueja N = 4	<i>Baccharis trimera</i>	Febre, dor de barriga, gastrite, emagrecer, gripe	Folha, raiz	Chá, banho	Não	Mata	Medicinal	Nativa
Carro-santo (Cardo-santo) N = 1	<i>Centaurea benedicta</i>	Peito aberto	Planta toda	Banho	Não	Quintal	Medicinal e Espiritual	Naturalizada
Camomila N = 1	<i>Matricaria chamomilla</i>	Febre, câncer	Planta toda	Banho, chá	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Enxota N = 4	<i>Ageratum fastigiatum</i>	Cólica, Cansaço, olho grande	Folha, planta toda	Esfregar na barriga, Banho de descarrego	Não	Quintal	Medicinal e espiritual	Nativa
Losna N = 1	<i>Artemisia absinthium</i>	Aumentar a pressão	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Macela-galega N = 2	<i>Matricaria matricarioides</i>	Ansiedade, insônia, febre	Planta toda, flor	Chá, banho	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Macela N = 4	<i>Achyrocline satureioides</i>	Febre, nascer dente	Folha	Chá, banho	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Mentrasto N = 2	<i>Ageratum houstonianum</i>	Diarreia, febre, ajuda no parto	Planta toda	Chá, Banho	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Mão-de-deus N = 1	<i>Tithonia diversifolia</i>	Colesterol, diabete	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada
Neosalidina N = 1	<i>Achillea millefolium</i>	Dor de cabeça	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Bixaceae								
Corante N = 2	<i>Bixa orellana</i>	Gripe, colesterol, diabete	Folha, semente	Chá	Não	Quintal	Medicinal e Alimentício	Nativa
Brassicaceae								

Couve N= 1	<i>Brassica oleracea</i>	Anemia	Folha com limão	Suco	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Burseraceae								
Amescla N = 2	<i>Protium heptaphyllum</i>	Gases, dor de cabeça, gastrite	Resina	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Cactaceae								
Ora-pro-nobis N = 2	<i>Pereskia aculeata</i>	Anemia, coluna, colesterol	Folha	Ingerir na comida, suco	Não	Quintal	Medicinal e Alimentício	Nativa
Caricaceae								
Mamão N = 3	<i>Carica papaya</i>	Vermes, diabete, gastrite	Semente, flor	Secar a semente e ingerir, chá	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada
Caryocaraceae								
Pequi N = 1	<i>Caryocar brasiliense</i>	Fígado	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Ciperaceae								
Assapê N = 1	<i>Rhynchospora cephalotes</i>	Retirar impurezas do corpo	Broto	Garrafada	Não	Quintal	Espiritual	Nativa
Clusiaceae								
Bacurim N = 1	<i>Platonia insignis</i>	Inflamação	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Commelinaceae								
Erva-santa-luzia N = 1	<i>Commelina erecta</i>	Tosse seca	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Costaceae								
Cana-de-macaco N = 2	<i>Costus spiralis</i>	Rins	Caule	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Crassulaceae								
Saião N = 4	<i>Kalanchoe brasilensis</i>	Gripe, febre	Folha	Chá, sumo, banho	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Cucurbitaceae								
Chuchu N= 3	<i>Sechium edule</i>	Pressão alta	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada
Melão-de-são-caetano N = 3	<i>Momordica charantia</i>	Febre, diabete, dor na coluna, dor no corpo	Toda planta	Banho, chá	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada
Dilleniaceae								
Cipó-caboclo N = 1	<i>Davilla rugosa</i>	Intoxicação, coceira, alergia	Folha	Banho	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Euphorbiaceae								
Homen-nu N = 3	<i>Euphorbia tirucalli</i>	Gastrite	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Pião-roxo N = 2	<i>Jatropha gossypiifolia</i>	Cicatrizante, dor no corpo	Folha	Chá, banho	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Quebra-pedra N = 3	<i>Phyllanthus niruri</i>	Rins	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Fabaceae								
Arrozinho N = 2	<i>Zornia reticulata</i>	Problema nos rins, fígado	Folhas, toda planta	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Barba-de-barata N = 2	<i>Caesalpinia pulcherrima</i>	Lavar os olhos	Flor	Lavar o local	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Fedegoso N = 2	<i>Cassia speciosa</i>	Tosse, gripe, AVC	Raiz	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Guandu N=1	<i>Cajanus cajan</i>	Dor de dente	Folha	Gargarejo	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada
Sene N = 2	<i>Senna alexandrina</i>	Problema Gastrointestinal	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada
Sucupira N = 1	<i>Pterodon emarginatus</i>	Dormência	Semente	Chá	Não	Mata	Medicinal	Nativa
Juncaceae								
Junco N = 1	<i>Juncus effusus</i>	Calmante	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Lamiaceae								
Alfavaca	<i>Ocimum</i>	Gripe, remoção	Folha,	Chá, banho,	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada

N = 12	<i>gratissimum</i>	do cisco nos olhos, dor no intestino	sementes	xarope				
Alecrim N = 2	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Colesterol e ansiedade	Folhas	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Alevante N = 1	<i>Mentha viridis</i>	Febre	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada
Boldo N = 6	<i>Plectranthus barbatus</i>	Dor de barriga, dor no estômago, digestão	Folha	Sumo, chá	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Cordão-de-frade N = 6	<i>Leonotis nepetifolia</i>	Calmante, pressão, AVC, dor no corpo	Folha	Chá, banho	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada
Hortelã-miúdo N = 9	<i>Mentha x villosa</i>	Ansiedade, gripe, cólica, dor de barriga, verme, inflamação, colesterol	Folha	Chá, sumo	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Hortelã-grosso N = 3	<i>Plectranthus amboinicus</i>	Gripe, dor no intestino	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal e alimentício	Cultivada
Manjericão N = 3	<i>Ocimum basilicum</i>	Dor no corpo, gripe	Folha	Banho	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Pau-tamancô N = 1	<i>Aegiphila integrifolia</i>	Esporão, dor no osso	Casca	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Lauraceae								
Abacateiro N = 5	<i>Persea americana</i>	Dor no rim, pressão, infecção urinária, pedra no rim	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada
Canela N = 1	<i>Cinnamomum verum</i>	Diabete, calmante	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Lecythidaceae								
Sapucaia N = 1	<i>Lecythis pisonis</i>	Cicatrizante	Casca	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Lythraceae								
Romã N = 4	<i>Punica granatum</i>	Inflamação na garganta	Folha, fruta	Chá, gargarejo	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Sete-sangrias N = 1	<i>Cuphea carthagenensis</i>	Câncer	Planta toda	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Malpighiaceae								
Acerola N = 5	<i>Malpighia emarginata</i>	Gripe	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Barbatimão N = 1	<i>Byrsinima verbascifolia</i>	Inflamação no ovário	Casca	Chá, banho	Não	Mata	Medicinal	Nativa
Malvaceae								
Algodoero N = 10	<i>Gossypium hirsutum</i>	Asma, infecção, gripe, inflamação	Flor, folha	Xarope, sumo, chá	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada
Moraceae								
Fruta-pão N = 2	<i>Artocarpus altilis</i>	Pressão, febre, circulação, inchaço	Folha	Chá, banho	Não	Mata, quintal	Medicinal	Naturalizada
Musaceae								
Bananeira N = 1	<i>Musa sapientum</i>	Queimadura	Casca verde	Cataplasma	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Nyctaginaceae								
Jalapa N = 1	<i>Mirabilis jalapa</i>	Purgante	Raíz	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada
Oxalidaceae								
Carambola N = 1	<i>Averrhoa carambola</i>	Pressão alta	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Phytolaccaceae								
Guiné N = 4	<i>Petiveria tetrandra</i>	Dor no corpo, febre, olho grande	Raiz, folha	Banho	Sim. Evitar banhos quentes e depois sair no sereno e/ou se expor ao vento frio	Quintal	Medicinal e Espiritual	Nativa

Plantaginaceae								
Tansagem N = 6	<i>Plantago major</i>	Inflamação, infecção, inflamação no útero, infecção urinária	Folha	Sumo, chá	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada
Poaceae								
Capim-limão N= 7	<i>Cymbopogon citratus</i>	Dor de barriga, calmante, febre, pressão alta	Folha	Chá, banho	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada
Carrapicho N = 1	<i>Cenchrus echinatus</i>	Infecção urinária	Toda planta	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Capim-açu N = 2	<i>Andropogon minarum</i>	Gastrite, ferida, pneumonia	Folha, planta toda	Sumo	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Sapê-branco N = 2	<i>Imperata brasiliensis</i>	Nascimento do dente em criança	Raiz	Chá, banho	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Sapê-roxo N = 2	<i>Imperata cylindrica</i>	Nascimento do dente em criança	Raiz	Chá, banho	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada
Rosaceae								
Amora N = 4	<i>Rubus fruticosus</i>	Dor no corpo, gripe, menopausa, infecção urinária	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Rosa-branca N = 1	<i>Rosa grandiflora</i>	Gripe	Flor	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Rubiaceae								
Jenipapo N = 2	<i>Genipa americana</i>	Anemia, cicatrização	Fruta, pó da casca	Suco, cataplasma	Não	Quintal	Medicinal e Alimentício	Nativa
Unha-de-gato N = 1	<i>Uncaria tomentosa</i>	Próstata	Raiz	Garrafada	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Rutaceae								
Arruda N = 5	<i>Ruta graveolens</i>	Mal olhado, dor de cabeça, dor de barriga, Gripe, dor no corpo	Folhas	Chá e banho, chá por infusão	Não	Quintal	Medicinal e espiritual	Cultivada
Laranja-da-terra N = 2	<i>Citrus aurantium</i>	Constipação	Folha	Chá por infusão	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Laranja-lima N = 1	<i>Citrus aurantiifolia</i>	Calmante, pressão	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Paratudo N = 1	<i>Hortia brasiliiana</i>	Verme, dores	Casca	Banho, chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Limão N = 2	<i>Citrus limon</i>	Gripe, estômago, diabete	Folha, fruta	Xarope, caldo	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Sapindaceae								
Cinco-folhas N = 2	<i>Serjania erecta</i>	Febre, esporão	Casca, folha	Banho, chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Scrophulariaceae								
Meladinho N = 1	<i>Stemodia foliosa</i>	Dor no corpo	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Siparunaceae								
Negramina N = 1	<i>Siparuna guianensis</i>	Dor	Folha	Cataplasma	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Solanaceae								
Fumo N = 1	<i>Nicotiana tabacum</i>	Dor no corpo	Folha	Banho	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada
Tropaeolaceae								
Cinco-chagas N = 2	<i>Tropaeolum majus</i>	Infecções sexualmente transmissíveis, esporão	Folha	Garrafa, banho, chá	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada
Erva-doce N = 3	<i>Pimpinella anisum</i>	Pressão alta, gases	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Cultivada
Verbenaceae								
Alfazema N = 3	<i>Aloysia gratissima</i>	Febre, dor no copo, gripe	Folha	Banho	Não	Quintal	Medicinal	Nativa

Cambará N = 2	<i>Lantana camara</i>	Gripe, asma Intestino, gases presos, dor de barriga, dor no corpo, calmante, pressão	Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Naturalizada
Erva-cidreira N = 9	<i>Lippia alba</i>		Folha	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Verbenaceae								
Gervão N = 2	<i>Stachytarpheta cayennensis</i>	Dor no corpo, gripe, febre	Raiz	Chá	Não	Quintal	Medicinal	Nativa
Zingiberaceae								
Gengibre N = 1	<i>Zingiber officinale</i>	Inflamação, gripe	Raiz	Chá	Não	Comércio	Medicinal	Cultivada

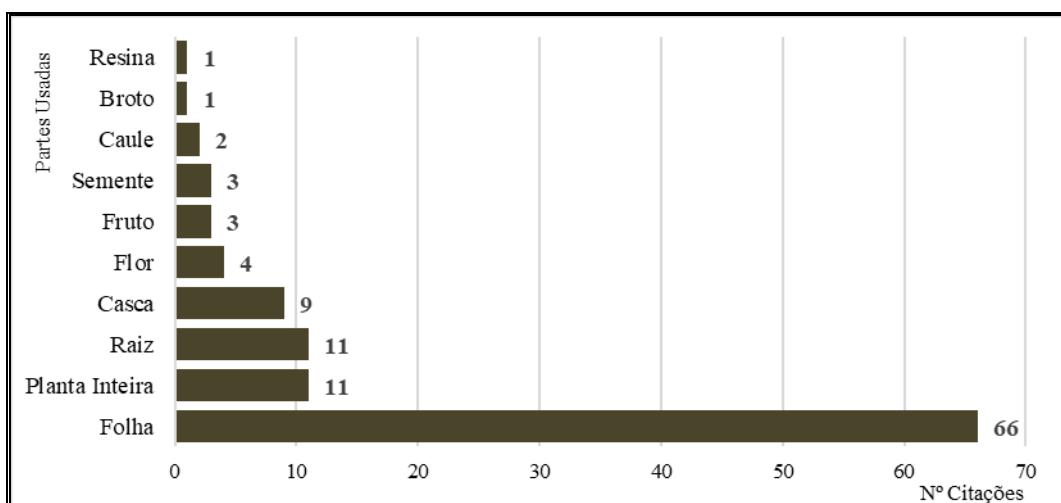
Fonte: Elaborado pelos Autores.

As 97 espécies de plantas medicinais citadas, foram distribuídas em 49 famílias botânicas: Acanthaceae; Adoxaceae; Amaryllidaceae; Anacardiaceae; Annonaceae; Apiaceae; Apocynaceae; Aristolochiaceae; Asparagaceae; Asteraceae; Bixaceae; Brassicaceae; Burseraceae; Cactaceae; Caricaceae; Caryocaraceae; Ciperaceae; Clusiaceae; Commelinaceae; Costaceae; Crassulaceae; Cucurbitaceae; Dilleniaceae; Euphorbiaceae; Fabaceae; Juncaceae; Lamiaceae; Lauraceae; Lecythidaceae; Lythraceae; Malpighiaceae; Malvaceae; Moraceae; Musaceae; Nyctaginaceae; Oxalidaceae; Phytolaccaceae; Plantaginaceae; Poaceae; Rosaceae; Rubiaceae; Rutaceae; Sapindaceae; Scrophulariaceae; Siparunaceae; Solanaceae; Tropaeolaceae; Verbenaceae e Zingiberaceae (Tabela 1).

Das 49 famílias, 17 (34,7%) aparecem com mais de uma citação de espécie de planta: Asteraceae (com 12 diferentes plantas citadas pelos entrevistados); Lamiaceae (nove citações); Fabaceae (seis); Poaceae (cinco); Rutaceae (cinco); Verbenaceae (quatro); Anacardiaceae (três); Euphorbiaceae (três) e com duas citações de plantas, as famílias Amaryllidaceae; Annonaceae; Cucurbitaceae; Lauraceae; Lythraceae; Malpighiaceae; Rosaceae; Rubiaceae e Tropaeolaceae (Tabela 1). Em um estudo etnobotânico, realizado por Liporaci e Simão (2013), as famílias Asteraceae e Lamiaceae também foram as mais representativas para fins medicinais.

Em relação às partes das diversas plantas usadas, que foram citadas pelos entrevistados, foram 66 (68,0%) plantas que se utilizam as folhas como principal parte. As outras partes das plantas utilizadas no preparo foram: 11 (11,3%) da planta inteira; 11 (11,3%) da raiz; nove (9,3%) da casca; quatro (4,1%) da flor; três (3,1%) do fruto; três (3,1%) da semente; duas (2,1%) do caule; uma (1,0%) do broto e uma (1,0%) indicação que utiliza a resina da planta (Figura 1).

Figura 1 - Número de citações feitas pelos entrevistados sobre as partes utilizadas das plantas.



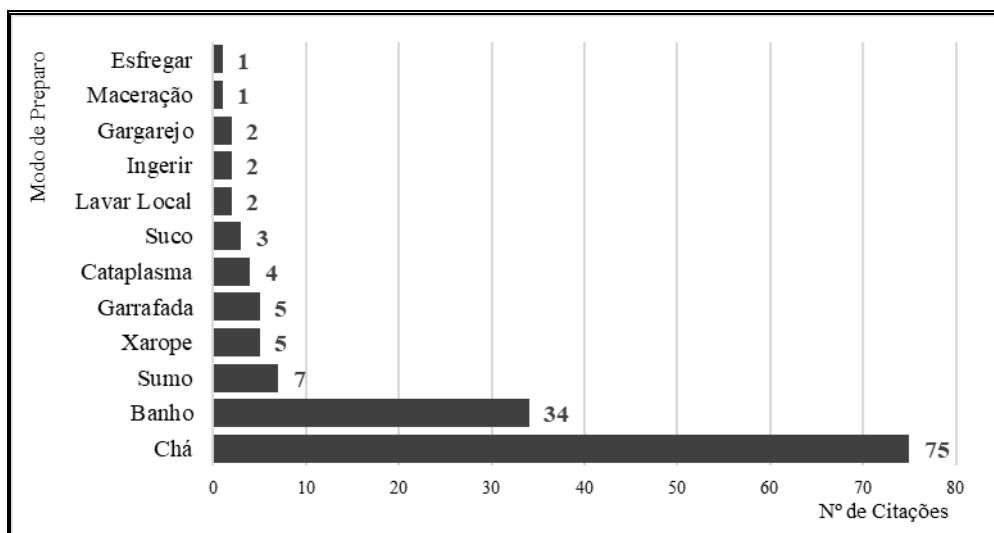
Fonte: Elaborado pelos Autores.

A predominância das folhas pode estar associada pela presença dos compostos ativos que são encontrados muitas vezes nesta parte da planta e a sua coleta não causa muitos danos ao vegetal, permitindo a preservação e uso contínuo (Santos *et al.*, 2008; Batista *et al.*, 2023).

Sob a ótica da conservação dos recursos naturais, a utilização majoritária das folhas nas preparações medicinais é vista como positiva, não causando a morte dos espécimes coletados contribuindo para a preservação da flora local. Entretanto, é necessário alertar e orientar a comunidade sobre a necessidade de incentivar o plantio de novos indivíduos das espécies mais importantes e que por consequência sofrem maior pressão antrópica (Turler, 2011).

Sobre o modo de preparo para o consumo das plantas citadas pelos entrevistados, 75 (77,3%) plantas são preparadas como chá. Outras formas de preparo que foram citadas foram: 34 (35,1%) como banho; sete (7,2%) como sumo; cinco (5,2%) como xarope; cinco (5,2%) garrafada; quatro (4,1%) na forma de cataplasma; três (3,1%) suco; duas (2,1%) lavando o local; dois (2,1%) ingerindo de forma direta; duas (2,1%) fazendo gargarejo; uma (1,0%) macerando e uma (1,0%) esfregando no local (Figura 2).

Figura 2 - Modo de preparo para o consumo das plantas citadas pelos entrevistados.



Fonte: Elaborado pelos Autores.

O estudo realizado por Santos e Fortuna (2023) apresenta semelhanças com este trabalho ao evidenciar o uso de plantas medicinais, ressaltando as folhas como a principal parte aproveitada e o preparo em forma de chá como a prática mais recorrente.

Assim como destacado por Tuler (2011), quanto à forma de preparo, houve grande dificuldade em traduzir as informações obtidas nos levantamentos de maneira que facilitasse a compreensão dos saberes, já que muitas vezes esse conhecimento está inserido no contexto daquela comunidade. Segundo as informações obtidas no levantamento, foi possível sistematizar as formas de preparo em oito categorias (Tabela 2).

Tabela 2 - Principais formas de preparo das plantas segundo relatos dos entrevistados.

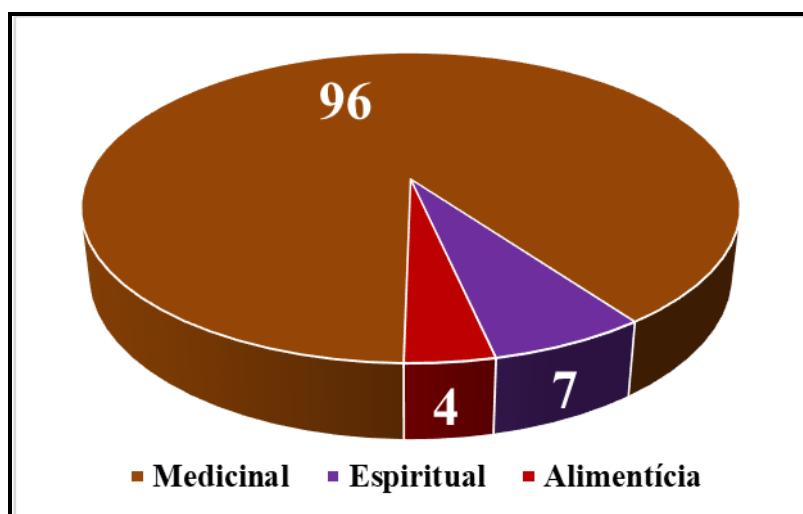
CATEGORIAS	FORMAS DE PREPARO INDICADAS PELOS INFORMANTES
Chá	Pode ser por decocção que consiste no preparo obtido ao ferver a planta ou suas partes, podendo também ser obtido ao colocá-las em uma vasilha e adicionando água fervente por cima, processo conhecido como infusão.
Xarope	Preparo alcançado ao ferver a planta ou suas partes, em conjunto com açúcar ou mel, até atingir uma consistência desejada.
Macerado	Amassar a erva e colocar em água.
Cataplasma	Eervas que são amassadas e aplicada diretamente sobre a área afetada por infecção ou dor.
Sumo	Para extrair o sumo, é necessário esmagar a planta fresca usando um pilão ou um pano.
In natura	Ingestão de sucos ou alimentos que contenham a planta ou suas partes, bem como a aplicação direta da planta em áreas específicas do corpo, ou ainda o uso da planta para lavagem de partes do corpo, sem necessidade de qualquer preparação prévia.
Garrafada	São formulações terapêuticas elaboradas a partir da infusão ou decocção de plantas medicinais em água ou álcool, frequentemente combinadas com uma variedade de outros elementos, como ervas, raízes e cascas de árvores.
Gargarejo	Uma prática em que uma pessoa inclina a cabeça para trás e faz um som de "gargarejo" ao mover líquido pela boca e garganta, sem engolir. Este líquido consiste no próprio remédio indicado para ajudar a aliviar a dor de garganta ou outras irritações na garganta.
Banho com Plantas Medicinais ou Partes Delas	Tipo de banho terapêutico onde as ervas ou plantas medicinais são adicionadas à água para proporcionar benefícios para a saúde, podendo também ser usado para limpeza espiritual, este denominado de banho de descarrego em alguns ritos de religiões afro-brasileiras.

Fonte: Elaborado pelos Autores.

Das 97 plantas citadas, 95 (97,9%) não apresentam contraindicações, de acordo com os entrevistados, e duas (2,1%) das plantas foram descritas contraindicações. As plantas com contraindicações foram: Aroeira (*Schinus terebinthifolius*) e Guiné (*Petiveria tetrandra*) (Tabela 1).

Quanto à finalidade do uso das plantas, 96 (99,0%) plantas foram indicadas como medicinal, onde somente a planta Assapê (*Rhynchospora cephalotes*) não foi indicada como medicinal, sendo indicada exclusivamente como espiritual. Sete (7,2%) plantas foram indicadas como uso espiritual (inclusive o Assapê) e quatro (4,1%) foram indicadas como uso alimentício (Figura 3, Tabela 1).

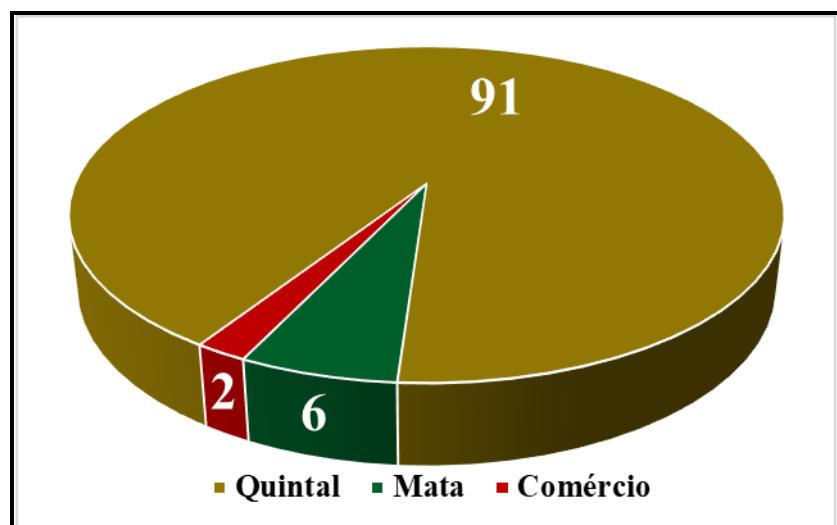
Figura 3 - Classificação das plantas quanto a finalidade, de acordo com os entrevistados.



Fonte: Elaborado pelos Autores.

Aos entrevistados fora perguntado onde conseguiam as plantas quando precisavam. A maioria, 91 (93,8%) das plantas, era coletada no próprio quintal; seis (6,2%) na mata e apenas duas (2,1%), Cebola (*Allium cepa*) e Gengibre (*Zingiber officinale*), no comércio (Figura 4, Tabela 1).

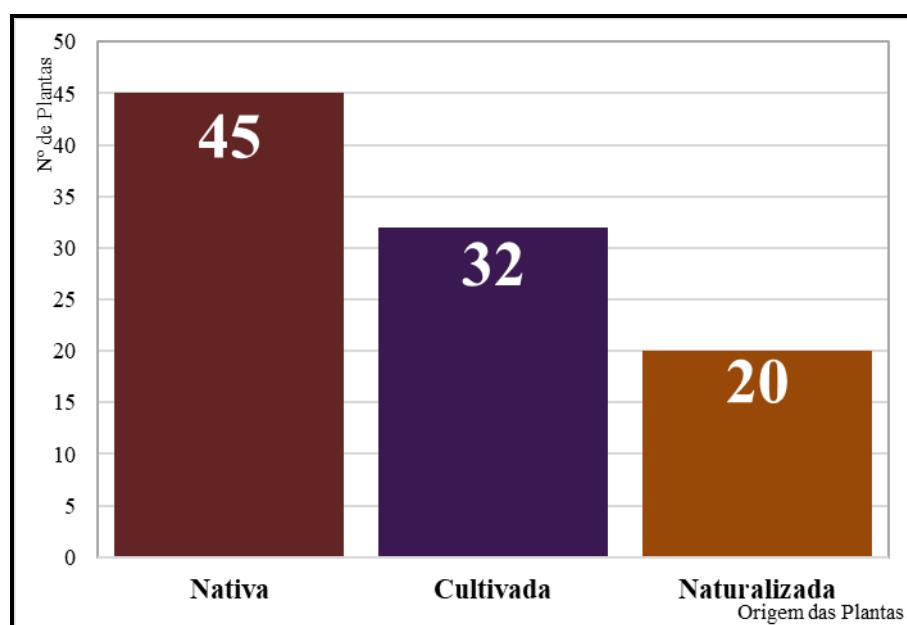
Figura 4 - Locais onde os entrevistados adquiriam as plantas.



Fonte: Elaborado pelos Autores.

Dentre as plantas medicinais indicadas pelos entrevistados, 45 (46,4%) são classificadas como nativas; 32 (33%) são cultivadas e 20 (20,6%) são consideradas naturalizadas (Figura 5, Tabela 1).

Figura 5 - Origem das espécies das plantas citadas pelos entrevistados.



Fonte: Elaborado pelos Autores.

A denominação plantas nativas é empregada em espécies e frutos que já existiam no território brasileiro, antes mesmo da chegada dos colonizadores europeus ao Brasil (Matos *et al.*, 2021). A maioria delas já era utilizada na alimentação dos

povos indígenas originários que habitavam este país nesta época, fator esse que explica a razão da maioria dos nomes dessas plantas terem origem indígena (CETAP, 2015; Matos *et al.*, 2021).

Dentre as 97 plantas citadas e identificadas pelos entrevistados da Comunidade Quilombola Rio do Sul, apenas duas (2,1%) constam na Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (RENAME) do Sistema Único de Saúde (SUS), Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) (RENAME, 2022; Brasil, 2024), que foram a aroeira (*Schinus terebinthifolius*) e a unha-de-gato (*Uncaria tomentosa*) (Tabela 1).

Das espécies de plantas citadas nesta pesquisa, 95 (97,9%) não apresentaram contraindicações, de acordo com os entrevistados, porém duas (2,1%) espécies foram descritas com contraindicações, foram elas: Aroeira (*Schinus terebinthifolius*), que não deve ser usada em grandes quantidades, pois pode causar emagrecimento; e Guiné (*Petiveria tetrandra*), que deve evitado sair no sereno e/ou se expor ao vento frio após tomar banhos quentes com suas raízes e/ou folhas, de acordo com a descrição de alguns entrevistados (Tabela 1).

Uso das espécies

Foi calculado o índice de Concordância de Uso Principal (CUP) das plantas que tiveram três ou mais citações para as mesmas indicações terapêuticas, obtendo um total de 30 (30,9%) plantas (Tabela 3).

Neste trabalho serão descritas as características das nove plantas que apresentaram valores acima de 40 em relação à concordância de uso principal corrigido (CUPc) (Tabela 3), que foram: Alfavaca (*Ocimum gratissimum*); Algodoeiro (*Gossypium hirsutum*); Hortelã- miúdo (*Mentha x villosa*); Erva-cidreira (*Lippia alba*); Capim-limão (*Cymbopogon citratus*); Aroeira (*Schinus terebinthifolius*); Coentro-maranhão (*Cymbopogon citratus*); Cajeiro (*Anacardium occidentale*) e Tansagem (*Plantago major*).

Tabela 3 - Plantas citadas por mais de três entrevistados, com o número de informantes que citaram usos principais (Nº de usos); número de informantes que citaram o uso da espécie (Nº de citações); concordância de uso principal (CUP), fator de correção (FC) e CUP corrigido (CUPc).

Nome Comum	Nome Científico	Nº de usos	Nº de citações	CUP (%)	FC	CUPc (%)
Alfavaca	<i>Ocimum gratissimum</i>	9	12	75,0	1,00	75,0
Algodoeiro	<i>Gossypium hirsutum</i>	8	10	80,0	0,83	66,4
Hortelã-miúdo	<i>Mentha x villosa</i>	7	9	77,8	0,75	58,4
Erva-cidreira	<i>Lippia alba</i>	7	9	77,8	0,75	58,4
Capim-limão	<i>Cymbopogon citratus</i>	6	7	85,7	0,58	49,7
Aroeira	<i>Schinus terebinthifolius</i>	6	8	75,0	0,67	49,5
Coentro maranhão	<i>Eryngium foetidum</i>	6	8	75,0	0,67	49,5
Cajeiro	<i>Anacardium occidentale</i>	5	6	83,3	0,50	41,7
Trançagem	<i>Plantago major</i>	5	6	83,3	0,50	41,7
Cordão-de-frade	<i>Leonotis nepetifolia</i>	4	6	66,6	0,50	33,3
Boldo	<i>Plectranthus barbatus</i>	4	6	66,6	0,50	33,3
Macela	<i>Achyrocline satureoides</i>	4	4	100,0	0,33	33,0
Abacateiro	<i>Persea americana</i>	4	5	80,0	0,41	32,8
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	4	5	80,0	0,41	32,8
Acerola	<i>Malpighia glabra</i>	4	5	80,0	0,41	32,8
Sabugueira	<i>Sambucus nigra</i>	3	3	100,0	0,25	25,0
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i>	3	3	100,0	0,25	25,0
Purga-do-campo	<i>Echites pastorum</i>	3	4	75,0	0,33	24,8
Romã	<i>Punica granatum</i>	3	4	75,0	0,33	24,8
Saião	<i>Kalanchoe brasiliensis</i>	3	4	75,0	0,33	24,8
Atimijo	<i>Tanacetum parthenium</i>	3	4	75,0	0,33	24,7
Amora	<i>Rubus fruticosus</i>	3	4	75,0	0,33	24,7

Chuchu	<i>Sechium edule</i>	2	3	66,7	0,25	16,7
Melão-de-são-caetano	<i>Momordica charantia</i>	2	3	66,7	0,25	16,7
Erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i>	2	3	66,7	0,25	16,7
Espada-de-são-jorge	<i>Sansevieria trifasciata</i>	2	4	50,0	0,33	16,5
Guiné	<i>Petiveria tetrandra</i>	2	4	50,0	0,33	16,5
Graviola	<i>Annona muricata</i>	1	3	33,3	0,25	8,3
Homen-nu	<i>Euphorbia tirucalli</i>	1	3	33,3	0,25	8,3
Mamão	<i>Carica papaya</i>	1	3	33,3	0,25	8,3

Fonte: Elaborado pelos Autores.

De acordo com Pinto et al. (2006), plantas que tenham alta porcentagem de concordância relativa ou concordância de uso principal corrigido, sugerem uma real efetividade no tratamento de doenças, sendo assim, este índice facilita a seleção de espécies para possíveis testes farmacológicos para comprovar a eficácia de seus princípios ativos.

As plantas Macela (*Achyrocline satureoides*); Sabugueira (*Sambucus nigra*) e Quebra-pedra (*Phyllanthus niruri*) apresentaram CUP elevado, mas ao aplicar o FC estes valores reduziram consideravelmente.

Especies mais utilizadas

Alfavaca (*Ocimum gratissimum*)

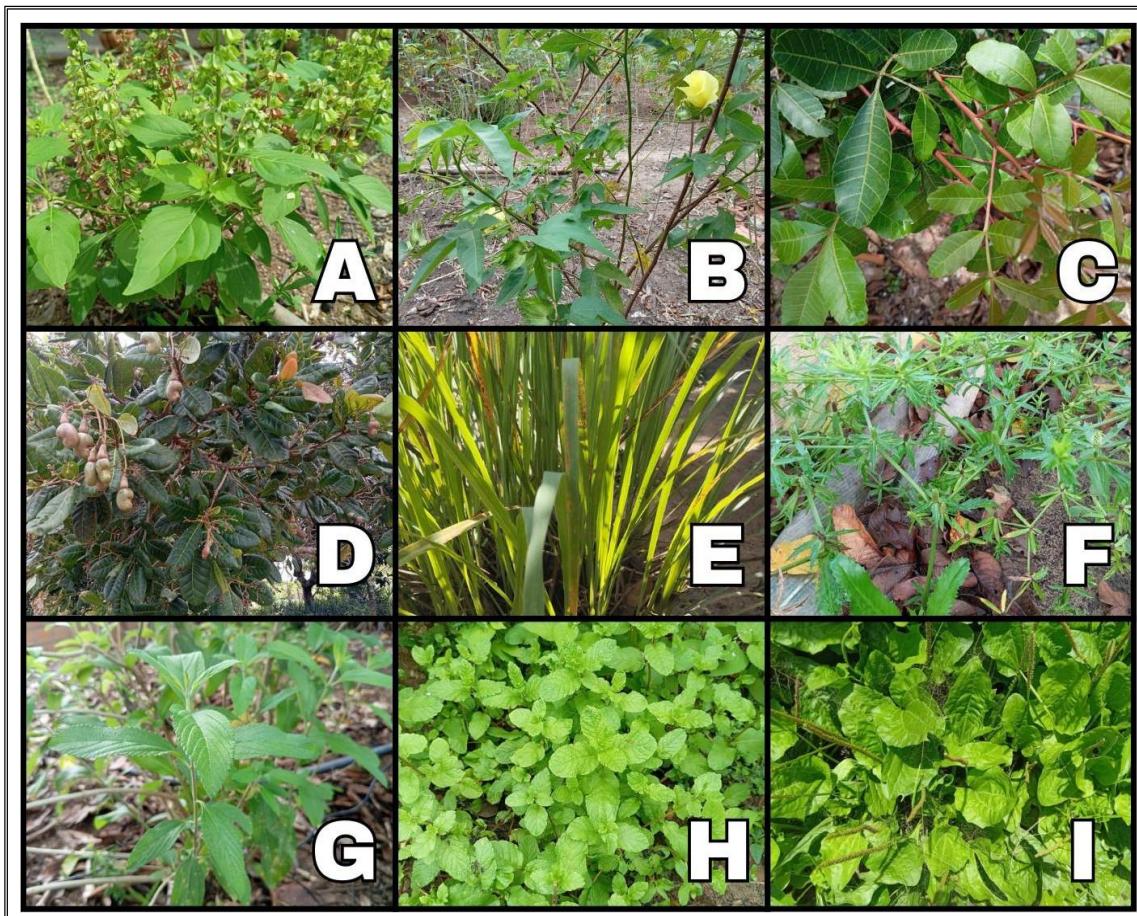
Na comunidade de Rio do Sul, os entrevistados demonstram um conhecimento abrangente sobre esta espécie e suas diversas aplicações na medicina tradicional. As folhas desta planta são amplamente utilizadas na preparação de chás, desempenhando um papel essencial no tratamento de várias condições, como doenças, gripes, remoção de cícos nos olhos e desconfortos intestinais.

Essa espécie pertence à família Lamiaceae e tem origem na Ásia, tendo sido naturalizada no Brasil, sendo também conhecida como: alfavacão e alfavaca-cravo. É um subarbusto aromático, ereto que pode alcançar de 40 cm a um metro de altura e é encontrada em todo o país, embora seja mais adaptada às regiões de clima quente (Lorenzi; Matos, 2008; Zappi et al., 2015; Santana, 2018). Apresenta folhas ovalado-lanceoladas com bordos denteados, variando de 4,0 a 8,0 cm de comprimento, flores pequenas com coloração roxo- pálida, dispostas em racemos paniculados eretos geralmente em grupo de três e apresenta aroma forte e agradável lembrando cravo-da-índia (Lorenzi & Matos, 2008) (Figura 6).

Nas práticas de medicina caseira, as folhas são frequentemente empregadas em banhos antigripais e no tratamento de condições como nervosismo e paralisia, além de serem usadas em chás, conhecidos por suas propriedades carminativas, diuréticas e antiblenorrágicas (Lorenz &; Matos, 2008; Martins et al., 2008).

Ocimum gratissimum é uma planta rica em óleos essenciais, sendo o timol e o eugenol seus constituintes principais. Esses óleos apresentam propriedades antioxidantes similares aos taninos flobabênicos, flavonas, flavonóis, xantonas, chalconas, auronas, flavononóis, leucoantocionidinas, catequinas, alcaloides e terpenos (Costa, 2016).

Figura 6 - Espécies mais utilizadas na Comunidade Quilombola Rio do Sul. (A) Alfavaca (*Ocimum gratissimum*); (B) Algodoeiro (*Gossypium hirsutum*); (C) Aroeira (*Schinus terebinthifolius*); (D) Cajueiro (*Anacardium occidentale*); (E) Capim-limão (*Cymbopogon citratus*); (F) Coentro-maranhão (*Eryngium foetidum*); (G) Erva-cidreira (*Lippia alba*); (H) Hortelã-miúdo (*Mentha x villosa*) e (I) Tansagem (*Plantago major*).



Fonte: Elaborado pelos Autores.

Algodoeiro (*Gossypium hirsutum*)

Conforme os entrevistados, as folhas desta planta são frequentemente empregadas na preparação de chá, desempenhando um papel importante no tratamento de condições como asma, infecções, gripes e inflamações.

A espécie *G. hirsutum* é uma planta arbustiva, pertencente à família Malvaceae, sendo também conhecida como: algodão; algodão-herbáceo; algodão-mocó; algodão-anual, com altura variando entre 60 cm e 2,0 m, pouco ramificadas, com folhas coriáceas, pubescentes e trilobadas e com caules que podem apresentar cores entre verde e marrom, possuem uma estrutura organográfica peculiar, com ramos frutíferos e vegetativos, e dois tipos de folhas associadas aos ramos reprodutivos ou vegetativos. Flores amarelas com grandes brácteas denteadas (Lorenzi & Matos, 2008; Borém & Freire, 2014; Martins *et al.*, 2022) (Figura 6).

Esta espécie é conhecida por tratar uma ampla gama de condições de saúde, incluindo problemas respiratórios, questões relacionadas à saúde reprodutiva, condições genitourinárias, infecções nos ovários, útero e miomas uterinos, além de auxiliar no período pós-parto (Farias *et al.*, 2022). Também é utilizada para aliviar dores de garganta, tratar malária, febre, corrimento, infecções em geral, pneumonia, tosse com secreções, diarreia com sangue, hepatite e doenças nasais, além de ser empregada como purgativo (Bieski *et al.*, 2015; Conde *et al.*, 2014; Lemos *et al.*, 2016; Cartaxo *et al.*, 2010, Farias *et al.*,

2022).

Entre os compostos químicos presentes nesta planta, destacam-se flavonoides, fenóis, terpenos, sesquiterpenos, monoterpenos e gossipol (Farias *et al.*, 2022).

Hortelã-miúdo (*Mentha x villosa*)

Os entrevistados apresentaram um vasto conhecimento sobre essa espécie e suas múltiplas aplicações na medicina tradicional. As folhas desta planta são frequentemente empregadas na preparação de chás e sucos, desempenhando um papel essencial no tratamento de ansiedade, gripes, cólicas, dores abdominais, infestações por vermes, inflamações e níveis de colesterol.

A espécie pertence à família Lamiaceae e apresenta como sinônima os seguintes nomes: hortelã; hortelã-rasteira; hortelã-de-panela; menta-vilosa. É uma erva perene, ereta variando de 30 a 40 cm de altura, sendo originada do cruzamento de *Mentha spicata* x *M. suaveolens*. Suas folhas são ovais, pecioladas, com aroma forte e característico (Lorenzi & Matos, 2008) (Figura 6).

De acordo com Galvão *et al.* (2021) esta planta foi destacada para o tratamento da gripe, como expectorante e para aliviar má digestão. Essas espécies são caracterizadas pela presença de óleos essenciais e antioxidantes fenólicos, com destaque para os ácidos hidroxicinâmicos, principalmente o ácido rosmarínico, e flavonoides como a eriocitrina, luteolina e hesperidina, sendo os principais componentes voláteis do óleo essencial, o mentol e a mentona (Medeiros *et al.*, 2017).

Erva-cidreira (*Lippia alba*)

De acordo com os entrevistados, suas folhas são comumente utilizadas na preparação de chás, desempenhando um papel no tratamento de problemas intestinais, gases, dores abdominais, dores musculares, como calmante e para controlar a pressão.

A espécie *Lippia alba* pertence à família Verbenaceae apresentando as seguintes sinônimas: erva-cidreira-do-campo; cidrila; chá-de-tabuleiro; erva-cidreira-de-arbusto; alecrim-selvagem; cidreira-brava; falsa-melissa; salva; salva-limão; alecrim-do-campo; salva- brava; sálvia. É um subarbusto com vários formatos podendo chegar até 1,5 m de altura, com ramos finos esbranquiçados, arqueados, longos e quebradiços. As folhas são inteiras, opostas com bordos serrados e ápice agudo variando de 3,0 a 6,0 cm de comprimento. Flores arroxeadas em inflorescências axilares capituliformes com eixo curto e tamanho variável (Lorenzi & Matos, 2008) (Figura 6).

De acordo com Aguiar *et al.* (2008), o aroma da planta está relacionado aos principais constituintes presentes nos óleos essenciais, além de apresentar propriedades antimicrobianas, ação antiespasmódica, antipirética, anti-inflamatória, emenagoga, diaforética, analgésica e sedativa.

Capim-limão (*Cymbopogon citratus*)

Segundo os entrevistados, as folhas desta planta são comumente utilizadas para preparação de chás e banho pela qual desempenha o papel essencial no tratamento de dor de barriga, como calmante, febre e para controlar pressão alta.

A espécie *Cymbopogon citratus* é originária da Índia e pertence à família Poaceae, sendo conhecido popularmente como capim-cidreira; capim-santo; capim-de-cheiro; capim-cheiroso; capim-cidró; chá-de-estrada; cidró; capim-cidrilho; patchuli; capim-catinga; capim-siri; grama- cidreira; capim-citronela; citronela-de-java. É uma erva cespitoso quase sem caule, com folhas longas, estreitas e aromáticas com forte cheiro de limão (Lorenzi & Matos, 2008) (Figura 6). A espécie é cultivada para produção comercial de óleo essencial, denominado internacionalmente como "lemon grass". Seu óleo é amplamente utilizado para fins medicinais, sobretudo na forma de chá, e tem seu uso e aplicação nas indústrias farmacêuticas, alimentícias, de

cosméticos e perfumaria, bem como para obtenção do citral, o principal componente do seu óleo essencial (Martinazzo *et al.*, 2007).

Suas folhas são frequentemente usadas sob a forma de infusão, como sedativo e calmante do sistema nervoso. Estudos comprovam sua eficiência antiespasmódica, analgésica, bactericida, inseticida, inibitória do crescimento de fungos e antimutagênica (Martins *et al.*, 2004).

Aroeira (*Schinus terebinthifolius*)

Segundo relatos dos entrevistados, as folhas desta planta são frequentemente utilizadas para preparar chás, banhos e para lavar a região afetada, desempenhando um papel essencial no tratamento de inflamações na garganta, gastrite, cicatrização e inflamações.

Schinus terebinthifolius, conhecida popularmente como aroeira, faz parte da família Anacardiaceae e é considerada uma das espécies pioneiras no Brasil (Pereira *et al.*, 2021). Entre suas características morfológicas, destaca-se sua folhagem perene, que se mantém ao longo de todo o ano (Figura 6).

Apresenta os seguintes nomes populares: aguaraíba; aroeira-branca; aroeira-da-praia; aroeira-do-brejo; aroeira-do-campo; aroeira-mansa; aroeira-pimenteira; aroeira-vermelha; bálsamo; cabuí; cambuí; coração-de-bugre; corneíba; fruto-de-raposa; fruto-de-sabiá. Caracteriza-se por ser uma árvore mediana com 5,0 a 10,0 m de altura, perenifólia, dióica, de copa larga e tronco com 30-60 cm de diâmetro, revestido de casca grossa. Folhas compostas imparipinadas, com 3-10 pares de folíolos aromáticos, medindo de 3,0 a 5,0 cm de comprimento por 2,0 a 3,0 cm de largura. Flores pequenas dispostas em panículas piramidais. Fruto do tipo drupa, globoso com cerca de 5,0 cm de diâmetro de cor vermelha brilhante (Lorenzi & Matos, 2008).

É conhecida na medicina tradicional por suas propriedades anti-inflamatórias e cicatrizantes, sendo amplamente utilizada no tratamento de diversas doenças (Azevedo *et al.*, 2015; Pereira *et al.*, 2021). Possuindo taninos, flavonoides e óleos essenciais, entre outros constituintes químicos (Falcão *et al.*, 2015).

Coentro-maranhão (*Eryngium foetidum*)

Os entrevistados da comunidade de Rio do Sul demonstram um vasto conhecimento sobre a espécie conhecida como Coentro-maranhão e suas múltiplas aplicações na medicina tradicional. As folhas dessa planta são frequentemente utilizadas na preparação de sucos e chás, desempenhando um papel fundamental no tratamento de sapos na boca (candidíase oral), problemas intestinais, esporões, gripes, infecções, dores abdominais, dores musculares e no processo de dentição.

Eryngium foetidum pertencente à família Apiaceae, sendo popularmente conhecida como: coentro-bravo; coentro-da-colônia; coentro-de-caboclo; coentro, coentro-largo; chicória (Lorenzi & Matos, 2008; Silva *et al.*, 2016; Melo, 2023). É uma planta herbácea ou subarbusto perene, aromático, muito ramificado de 20-30 cm de altura. Folhas simples, opostas, membranáceas, glabras em ambas as faces de 6-10 cm de comprimento. Flores esverdeadas, pequenas, reunidas em capítulos terminais e axilares, com brácteas rígidas e espinosas (Lorenzi & Matos, 2008) (Figura 6).

Esta erva culinária é amplamente encontrada em diversos países e é empregada em pratos típicos do nordeste brasileiro. Suas partes são utilizadas *in natura*, em chás, banhos e pomadas tópicas na medicina popular para tratar tosse, infecções urinárias e problemas reprodutivos femininos. Além disso, é alvo de interesse das indústrias devido à sua rica composição fitoquímica (Singh *et al.*, 2013; Melo, 2023). As espécies do gênero *Eryngium* mostraram que são uma rica fonte de flavonoides, taninos, saponinas e triterpenoides (Souza, 2016).

Cajueiro (*Anacardium occidentale*)

Conforme os relatos dos entrevistados, as folhas desta planta são frequentemente empregadas na preparação de

banhos, macerações e chás, desempenhando um papel essencial no tratamento de feridas, diarreia, infecções, problemas de garganta e gastrite.

A espécie *Anacardium occidentale* pertence à família Anacardiaceae e apresenta como sinônima os seguintes nomes: acaju; cacaju; acajaíba; acaju-açu; acajuba; acajuíba; acaju- piranga; caju-da-praia; caju-manso; caju-manteiga. Caracteriza-se por ser uma árvore com copa baixa, de 5-10 m de altura. Folhas simples de 8-14 cm de comprimento. Flores pequenas, perfumadas, vermelhas a púrpuras, dispostas em panículas terminais (Lorenzi & Matos, 2008) (Figura 6).

É uma fonte rica em compostos fenólicos, com seus frutos contendo uma quantidade significativa de lipídios fenólicos e suas folhas apresentando dois grupos químicos principais pertencentes aos polifenóis: flavonoides e taninos (Lopes, 2020). Esta espécie é reconhecida por suas propriedades antineoplásicas, antifúngicas e antibacterianas (Corrêa, 2017; Lopes, 2020).

Tansagem (*Plantago major*)

De acordo com os relatos citados pelos entrevistados, as folhas desta planta são utilizadas com frequência no preparo de chás e sumo, desempenhando uma função importante no tratamento de inflamação, infecção no útero e infecção urinária.

Plantago major pertence à família Plantaginaceae e apresenta as seguintes sinônimas: tançagem; trançagem; transagem; tranchagem; plantagem; sete-nervos; tanchagem; tanchagem- maior; tanchagem-média; tanchás. Caracteriza-se por ser uma pequena erva bienal ou perene, ereta, sem caule, de 20-30 cm de altura, com folhas dispostas em roseta basal, com pecíolo longo e lâmina membranácea com nervuras destacadas, de 15-25 cm de comprimento. Flores pequenas, em inflorescências espiadas eretas sobre haste floral de 20-30 cm de comprimento (Lorenzi & Matos, 2008) (Figura 6).

A literatura indica que *Plantago major* é utilizada por suas propriedades antivirais, antiparasitárias, diuréticas, hematopoiéticas e hematoprotetoras. Esses efeitos estão associados às atividades biológicas dos metabólitos secundários presentes na planta, como taninos, saponinas, alcaloides, flavonoides, terpenos e glicosídeos (Brasil, 2014; Nogueira *et al.*, 2021).

4. Considerações Finais

No decorrer deste trabalho foi realizado uma pesquisa com os moradores da comunidade Rio do Sul, nesse estudo foram coletados dados que compõem essa composição florística que contém nesse ambiente, com objetivo de preservar a cultura e tradição que existe nesse local passada de geração em geração, sendo que esses conhecimentos e saberes tem sido transmitido e perpassado durante muitos anos. No entanto, analisando todo um contexto histórico, trazido pelos ancestrais, dos benefícios eficazes que essas plantas medicinais possuem, houve a necessidade de registrar essas plantas através da experiência do cotidiano com que essa população faz o uso dessas plantas.

Analizando os resultados, percebeu-se a importância que essas plantas medicinais têm proporcionado à comunidade Rio do Sul. Outra importante contribuição é a valorização e conservação cultural ecológica e ambiental. No entanto, é sabido que essa comunidade possui muitos conhecimentos trazidos de seus antepassados, sendo essencial que essas tradições sejam mantidas para futuras gerações com o intuito de preservação às suas culturas, além de desenvolver práticas de sustentabilidade para a comunidade.

Portanto, faz-se importante realizar estudos nas áreas farmacológicos das plantas relatadas pelos entrevistados, principalmente àquelas que foram citadas diversas vezes mostrando o quanto elas são eficazes. Essas informações poderão contribuir para realização de trabalhos científicos e poderão ser usadas para o auxílio do tratamento de doenças.

Agradecimentos

Ao Presidente da Associação Quilombola Rio do Sul, Benedito Quintiliano. Sua liderança e dedicação à comunidade foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo.

A todos os entrevistados da Comunidade Quilombola Rio do Sul, cuja generosidade em compartilhar seus conhecimentos e vivências foi fundamental para a realização deste estudo.

Referências

- Acosta, P. M. R. (2015). *Representação social do uso popular de plantas medicinais – experiência em uma comunidade rural*. 153 f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Meio Ambiente) – Programa de Mestrado em Saúde e Meio Ambiente, Universidade da Região de Joinville.
- Aguiar, J. S., Costa, M. C. C. D., Nascimento, S. C., & Sena, K. X. F. R. (2008). Atividade antimicrobiana de *Lippia alba* (Mill.) N. E. Brown (Verbenaceae). *Revista Brasileira de Farmacognosia*, 18(3):436-440.
- Albuquerque, U. P., Ferreira Jr., W. S., Ramos, M. A., & Medeiros, P. M. (2022). *Introdução à Etnobotânica*. 3 ed. Rio de Janeiro: Interciência.
- Albuquerque, U. P., & Hanazaki, N. (2006). As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, 16:678-689.
- Albuquerque, U. P., Lucena, R. F. P., & Cunha, L. V. C. (2010). *Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica*. Recife: NUPEEA.
- Alencar, E. M., Cajaiba, R. L., Martins, J. S. C., Cordeiro, R. S., Sousa, E. S., & Sousa, V. A. (2019). Estudo etnobotânico do conhecimento e uso das plantas medicinais no município de Buriticupu, Maranhão, Brasil. *Revista Íbero-Americana de Ciências Ambientais*, 10(6):328-338.
- Amorozo, M. C. M., & Gély, A. (1988) Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, Barcarena, Pará, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 4(1):47-131.
- Azevedo, C. F., Quirino, Z. G. M., & Bruno, R. L. A. (2015). Estudo farmacobotânico de partes aéreas vegetativas de aroeira-vermelha (*Schinus terebinthifolius* Raddi, Anacardiaceae). *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, 17(1):26-35.
- Bahia. (2013). Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e dos Povos e Comunidades Tradicionais (SEPROMI). *Cartilha Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais*. 2 ed. Salvador: SEPROMI. 84 p.
- Batista, M. S., Macrino, S. A., Macrino, S. A., & Silva, A. S. (2023). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no Colégio Estadual Professora Jane Assis Peixoto. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, 1(1):1-6.
- Bieski, I. G. C., Leonti, M., Arnason, J. T., Ferrier, J., Rapinski, M., Violante, I. M. P., Balogun, S. O., Pereira, J. F. C. A., Figueiredo, R. C. F., Lopes, C. R. A. S., Silva, D. R., Pacini, A., Albuquerque, U. P., & Martins, D. T. O. (2015). Ethnobotanical study of medicinal plants by population of Valley of Juruena Region, Legal Amazon, Mato Grosso, Brazil. *Journal of Ethnopharmacology*, 173:383-423.
- Borém, A., & Freire, E. C. (2014). *Algodão: Do Plantio à Colheita*. Viçosa: UFV.
- Brasil. (2003). Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Decreto nº 4.887*, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.
- Brasil. (2012). Ministério da Saúde (MS). Conselho Nacional de Saúde (CNS). *Resolução nº 466*, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.
- Brasil. (2014). Ministério da Saúde (MS). ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). *Monografia da espécie Plantago major L. (tanchagem)*. 86 p. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br>. Acesso em 10 out. 2024.
- Brasil. (2015). Presidência da República. Secretaria Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 13.123*, de 20 de maio de 2015. Dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade.
- Brasil. (2016). Presidência da República. Secretaria Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Decreto nº 8.772*, de 11 de maio de 2016. Regulamenta a Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015, que dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade.
- Brasil. (2024). Ministério da Saúde (MS). *Plantas Medicinais e Fitoterápicos no SUS*. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/seccets/pnppmf/plantas-medicinais-e-fitoterapicos-no-sus> Acesso em 20 ago 2024.
- Cartaxo, S. L., Souza, M. M. A., & Albuquerque, U. P. (2010). Medicinal plants with bioprospecting potential used in semi-arid northeastern Brazil. *Journal of Ethnopharmacology*, 131:326-342.
- Carvalho, L. M., Costa, J. A. M., & Carnelossi, M. A. G. (2010). *Qualidade em Plantas Medicinais*. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros. 54 p.
- Castro, M. A., Bonilla, O. H., Pantoja, L. D. M., Mendes, R. M. S., Edson-Chaves, B., & Lucena, E. M. P. (2021). Conhecimento etnobotânico dos alunos de Ensino Médio sobre plantas medicinais em Maranguape-Ceará. *Research, Society and Development*, 10:e8910313008.

Ceolin, T., Herck, R. M., Barbieri, R. L., Schwartz, E., Muniz, R. M., & Pillon, C. N. (2011). Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. *Revista Escola de Enfermagem*, 45(1):47-54.

Conde, B. E., Rogerio, I. T. S., Siqueira, A. M., Ferreira, M. Q., Chedier, L. M., & Pimenta, D. S. (2014). Ethnopharmacology in the vicinity of the botanical garden of the federal university Juiz de Fora, Brazil. *Ethnobotany Research & Applications*, 12:91-112.

Corrêa, R. O. (2017). *Como é o caso das várias partes da árvore de Anacardium occidentale L. (cajueiro) que podem ser utilizadas para diversos fins devido a sua ação antineoplásica, antifúngica e antibacteriana*. 101 f. Dissertação (Mestrado). Curso de Saúde, Núcleo de Pesquisa e Inovação em Ciência da Saúde, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Costa, J. C. (2016). *Óleo essencial de alfavaca (Ocimum gratissimum L.) como aromatizante em bebidas alcoólicas formuladas*. 45 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Lavras.

Falcão, M. P. M. M., Oliveira, T. K. B., Sarmento, D. A., Rodrigues, N. P., & Gadelha, N. C. (2015). *Schinus terebinthifolius* Raddi (Aroeira) e suas propriedades na Medicina Popular. *Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável*, 10(5):23-27.

Farias, N. S., Souza, A. B., Costa, F. S. S., Silva, M. E. P., Santana, M. S., Brandao, M. O. F., Lima, L. F., & Morais-Braga, M. F. B. (2022). Composição química, aspectos etnobiológicos e farmacológicos de *Gossypium hirsutum* L.: uma revisão. In: Freitas, D. R. J. (Org.). *Conceitos e Metodologias de Integração em Ciências Biológicas e da Saúde*. 2 ed. Ponta Grossa-PR: Atena. 1:25-45.

Farias, P. S., Freitas, R. M. O., Matias, M. I. A. S., Nogueira, N. W., Souza, R. N., & Fernandes, A. C. O. (2021). Plantas medicinais utilizadas por mulheres em comunidades quilombolas do Recôncavo Baiano. *Research, Society and Development*, 10(12):1-13.

Ferreira, A. L. S., Pasa, M. C., & Nunez, C. V. (2020). A etnobotânica e o uso de plantas medicinais na Comunidade Barreirinho, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil. *Interações*, 21(4):817-830.

Flora do Brasil. (2024). *Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> Acesso em 15 mar 2024.

Galvão, M. N., Villas Bôas, G. K., Machado, M., Silva, M. F. O., & Boscolo, O. H. (2021). Ethnobotany applied to the selection of medicinal plants for agroecological crops in rural communities in the Southern End of Bahia, Brazil. *Revista Fitos*, 15(1):40-57.

Guimarães, B. O., Morais, I. L., & Oliveira, A. P. (2022). Medicinal plants and their popular use in Boa Esperança Settlement, Piracanjuba, Goiás, Brazil. *Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas*, 21(4):485-513.

Guimarães, B. O., Oliveira, A. P., & Morais, I. L. (2019). Plantas Medicinais de Uso Popular na Comunidade Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, 8(3):196-220.

Lemos, I. C. S., Delmondes, G. A., Santos, A. D. F., Santos, E. S., Oliveira, D. R., Figueiredo, P. R. L., Alves, D. A., Barbosa, R., Menezes, I. R. A., Coutinho, H. D. M., Kerntopf, M. R., & Fernandes, G. P. (2016). Affiliations expand ethnobiological survey of plants and animals used for the treatment of acute respiratory infections in children of a traditional community in the municipality of Barbalha, Ceará, Brazil. *African Journal of Traditional, Complementary and Alternative Medicines*, 13(4):166-175.

Liporaci, H. S. N., & Simão, D. G. (2013). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais nos quintais do bairro Novo Horizonte. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, 15(4):529-540.

Lopes, F. A. M. H. (2020). *Estudos das características físicas e químicas das folhas do cajueiro (Anacardium occidentale) e suas aplicações tecnológicas*. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Química). Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras-PB.

Lorenzi, H., & Matos, F. J. A. (2008). *Plantas Medicinais do Brasil: Nativas e Exóticas*. 2 ed. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 544 p.

Martinazzo, A. P., Correa, P. C., Melo, E. C., & Barbosa, F. F. (2007). Difusidade efetiva em folhas de *Cymbopogon citratus* (D.C) Stapf submetidas à secagem com diferentes comprimentos de corte e temperaturas do ar. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, 9(1):68-72.

Martins, C. A. N., Dantas, J. A. S., Oliveira, C. R. M., & Sandes, F. S. (2022). Conhecimento etnopedagógico sobre plantas medicinais em uma comunidade rural de Quixabeira (Bahia, Brasil). *Research, Society and Development*, 11(8):1-12.

Martins, J. R., Alvarenga, A. A., Castro, E. M., Pinto, J. E. B. P., & Silva, A. P. O. (2008). Avaliação do crescimento e do teor de óleo essencial em plantas de *Ocimum gratissimum* L. cultivadas sob malhas coloridas. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, 10(4):102-107.

Martins, M. B. G., Martins, A. R., Telascréa, M., & Cavalheiro, A. J. (2004). Caracterização anatômica da folha de *Cymbopogon citratus* (CD) Stapf (Poaceae) e perfil químico do óleo essencial. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, 6(3):20-29.

Matos, B. F., Holanda, D. X. T., Sousa, J. J. A., Moura, F. N. S., & Façanha, R. V. (2021). Plantas nativas e a prática da contextualização: uma investigação etnobotânica no ensino de ciências. *Revista Insignare Scientia*, 4:1-21.

Medeiros, M. G. M., Silva, B. B. M., & Araújo, C. S. (2017). Aplicações empíricas e farmacológicas da *Mentha x villosa* Huds. (Lamiaceae) (hortelã miúda). *Anais... I Congresso Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (CONGREPICS)*. Campina Grande: Realice Editora. <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/31717>.

Melo, D. F. S. (2023). *Investigação do uso de plantas medicinais para manutenção da saúde da mulher e produção de dispositivos didáticos para usuários e profissionais da saúde*. Dissertação (Mestrado em Inovação Terapêutica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Merhy, T. S. M., & Santos, M. G. (2017). A etnobotânica na escola: interagindo saberes no ensino fundamental. *Revista Práxis*, 9(17):9-22.

Minayo, M. C. S. (2007). *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 10 ed. São Paulo: Hucitec.

- Neto, F. R. G., Almeida, G. S. S. A., Jesus, N. G., & Fonseca, M. R. (2014). Estudo Etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela Comunidade do Sisal no município de Catu, Bahia, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, 16(4):856-865.
- Nogueira, M. L. O., Lima, L. M., Lemos, A. S. O., Diogo, M. A., Souza, T. F., Silva, J. P. S., Silva Filho, A. A., Chedier, L. M., Fabri, R. L., & Pinto, P. F. (2021). *Plantago major* L. (Plantaginaceae) pode ser utilizado como agente antimicrobiano para emprego em produtos para uso oral? *Revista Fitos*, 15(3):354-365.
- Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da Pesquisa Científica*. (Free ebook). Santa Maria. Editora da UFSM.
- Pereira, D. P., Silva, A. I. B., Nunes, L. E., Sá-Filho, G. F., & Ribeiro, L. H. F. (2021). Potencial biotecnológico da aroeira vermelha (*Schinus terebinthifolius* Raddi): Uma revisão narrativa. *Revista Saúde e Meio Ambiente*, 13(1):25-37.
- Pinto, E. P. P., Amorozo, M. C., & Furlan, A. (2006). Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica - Itacaré, BA, Brasil. *Acta Botanica Brasiliensis*, 20:751-762.
- Quinlan, M. (2005). Considerations for collecting freelists in the field: examples from Ethobotany. *Field Methods*, 17(3):1-16.
- Rocha, A. R., Boscolo, O. H., & Fernandes, L. R. R. M. (2015). Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. *Interações*, 16(1):67-74.
- Rodrigues, A. G., & Simoni, C. (2010). Plantas medicinais no contexto de políticas públicas. *Informe Agropecuário*, 31(255):7-12.
- Rodrigues, E. S., Brito, N. M., & Oliveira, V. J. S. (2021). Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas por alguns moradores de três comunidades rurais do município de Cabaceiras do Paraguaçu/Bahia. *Biodiversidade Brasileira*, 11(1):1-16.
- Santana, D. S. M. (2018). *Obtenção de óleo essencial de alfavaca (*Ocimum gratissimum*) e seu rendimento em diferentes partes da planta*. Artigo (Programa de Pós Graduação em Sistemas Agroindustriais e Recursos Hídricos) – Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Pombal-PB.
- Santos, E. Q., Costa, J. F. S., Pereira, M. G. S., Costa, J. M., & Sousa, R. L. (2019). Etnobotânica da flora medicinal de quintais na comunidade Mamangal, Igarapé-Miri, PA. *Scientia Plena*, 15(5):1-11.
- Santos, J. A., & Fortuna, J. L. (2023). A etnobotânica do terreiro Tenda de Umbanda Luz Divina de São Jorge, Teixeira de Freitas, Bahia, Brasil. *Research, Society and Development*, 12:e27712240317.
- Santos, J. F. L., Amorozo, M. C. M., & Ming, L. C. (2008). Uso popular de plantas medicinais na comunidade rural da Vargem Grande, município de Natividade da Serra, SP. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, 10(3):67-81.
- Santos, L. S. N., Salles, M. G. F., Pinto, C. M., Pinto, O. R. O., & Rodrigues, I. C. S. (2018). O saber etnobotânico sobre plantas medicinais na Comunidade da Brenha, Redenção, CE. *Agrarian Academy*, 5(9):409-421.
- Schek, G. (2011). *Plantas medicinais e o cuidado em saúde em famílias descendentes de pomeranos no Sul do Brasil*. 101 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas-RS.
- Shitsuka, R., Shitsuka, R. I. C. M., Shitsuka, D. M., & Shitsuka, C. D. W. M. (2014). *Matemática Fundamental para a Tecnologia*. 2 ed. Barueri: Editora Érica.
- Silva, A. F., Sousa, R. L., Silva, S. G., Costa, J. M., Albuquerque, L. C. S., Pereira, M. G. S., Mesquita, S. S., Silva, E. C., & Cordeiro, Y. E. M. (2021). Etnobotânica de plantas medicinais aromáticas: preparações e usos da flora local em cinco comunidades rurais localizadas na região do Baixo Tocantins, Pará, Brasil. *Research, Society and Development*, 10(1):1-12.
- Silva, V. A., Silva, A. N., Seabra Júnior, S., Borges, L. S., & Souza, A. M. (2016). Levantamento do cultivo do coentro (*Eryngium foetidum* L.) nas áreas produtoras de Cáceres- MT. *Revista Cultivando o Saber*, 9(1):62-72.
- Singh, S. D. R., Singh, D. R., Banu, S., & Salim, K. M. (2013). Determination of bioactives and antioxidant activity in *Eryngium foetidum* L.: A traditional culinary and medicinal herb. *Proceedings of the National Academy of Sciences, India Section B. Biological Sciences*, 83(3):453-460.
- Siqueira, A. B., & Pereira, S. M. (2014). Abordagem etnobotânica no ensino de Biologia. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA)*, 31(2):247-260.
- Soares, S. B., Morais, I. L., & Caes, A. L. (2023). Etnobotânica e preservação cultural: tradição, comunidade, escola e educação ambiental. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 8(2):225-260.
- Souza, K. K. C. (2016). *Potencial antioxidante, mineral, inibitório de enzimas α-amilase e lipoxigenase e composição centesimal de espécies da família Apiaceae*. 105 p. Dissertação (Mestrado em Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares). Universidade Federal de Lavras. Lavras-MG.
- Species Link. (2024). *Species Link*. Disponível em: <https://specieslink.net/>. Acesso 10 jan 2024.
- Tatagiba, S. D., Sousa, I. S., & Oliveira, A. E. W. (2019). Etnobotânica de plantas medicinais na Região de Integração do Rio Tapajós, Comunidade do Bairro Maria Magdalena, Município de Itaituba, Pará, Brasil. *Biota Amazônica*, 9(4):41-49.
- Tuler, A. C. (2011). *Levantamento etnobotânico na comunidade rural de São José da Figueira, Durandé, MG, Brasil*. 57 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Graduação em Ciências Biológicas. Centro de Ciências Agrárias. Universidade Federal do Espírito Santo. Alegre-ES.
- Viu, A. F. M., Viu, M. A. O., & Campos, L. Z. O. (2010). Etnobotânica: uma questão de gênero? *Revista Brasileira de Agroecologia*, 5(1):138-147.
- Zappi, D. C., Filardi, F. L. R., Leitman, P., Souza, V. C., Walter, B. M. T., Pirani, J. R., Morim, M. P., Queiroz, L. P., Cavalcanti, T. B., Mansano, V. F., & Forzza, R. C. (2015). Growing knowledge: an overview of seed plant diversity in Brazil. *Rodriguésia*, 66(4):1.085-1.113.